

# DE BARCO

RUBEM BRAGA

**T**IREI a tampa da máquina e ia me resignar a fazer a crônica; mas então Chico Brito apareceu falando em pescar. Saímos no sábado e no domingo; e se perguntardes que peixe trouxemos eu vos direi "nenhum". Mas estou certo de que não perguntareis. Só ao filisteu interessa o peixe numa pescaria; ao homem honrado o que interessa é o pescar.

Se me perguntardes — onde está vosso barco? — eu vos direi que o deixamos numa praia longe, na barra de Piratininga, entre o mar e a lagoa. E o motor de pôpa está na casa do pescador Bernardo. Aliás a lagoa é bela. E marchamos longamente, os dois náufragos, nesse domingo que anoitecia, passando pelas casinhas pobres de pequenos jardins floridos e às vezes, o som de uma viola, muitas vezes o som comercial de um rádio qualquer.

Subimos o morro por uma trilha, descemos em Samanguaia, tocamos a pé até a Charitas e já tínhamos resolvido dormir no Cavalão quando apareceu uma canoa que nos trouxe para o Rio com a lua cheia fazendo esteira na pôpa.

Éramos náufragos, porém não conseguimos organizar um ar de náufragos; nosso consólo era ir vivendo "ramas" nos butecos para esquentar o desolado peito.

As penas de nossos corocochós eram alvas, e a colher de nosso corrico brilhava ao sol saltando à flor d'água; furamos pelos olhos quatro sardinhas para tentar alguma garoupa no fundo, iscamos de maneira carinhosa gentis pargueiras na laje de Ipanema, nas Cagarras, Contunduba e Pau Torto; só pescamos densa melancolia.

Porém, a melancolia, quando salgada, é melhor. O barco apoitado, chacoalhando o corpo, deve de algum modo fazer bem à alma. Junto, as gaiotas e atobás faziam "piqués"; às vezes um mar mais alto espoucava numa farra de espumas ferventes.

Rondamos devagar a pôpa do "Madalena". O corte transversal semelha sobrados tortos de Lisboa a descer ladeiras; no ventre aberto das cabines há pinturas gentis; os turcos brancos pareciam bicos de aves do mar, famintas, paralisadas no ar. Uma tabuleta em três línguas nos mandava ter cuidado com duas hélices, entretanto, enterradas na areia. O monstro era patético, alto e bojudo.

Depois fomos ver a prôa, lá fora, e só aparecia o mastro com um cesto ou mirante e metros além, quando a onda passava, emergia alguma coisa de metal, talvez um respiradouro. Fomos chegando perto, afinal navegamos por cima do barco. A espuma fervia, nosso motorzinho de pôpa parecia gaguejar de emoção sobrenavegando o gigante partido e triste, cruzando-o de bordo a bordo. E um instante, no movimento da água que escorria dos cabos e na ponta bojudada de metal que emergia da onda, parecia que a prôa se movia, que tentava se erguer, sob nosso casco, como se na gávea houvesse um gajeiro fantasma, alma de grumete que não quis deixar seu barco derrotado.

Silenciosamente bebemos um gole de cachaca quando saímos daquelas águas tristes; e foi talvez por haver passeado sobre o gigante morto que o mar nos puniu mais tarde desabando sobre o nosso barco. Os pescadores e seus filhos nos ajudaram; voltamos descalços e frios, entre as moitas cheias de grilos, na tarde que ia escurecendo.

E de tudo o que ficou foi talvez apenas um espinho na sola do pé, misterioso e fundo, e apenas modestamente doloroso. Devemos extrai-lo de alfinete em punho; eis um afã antigo, e honesto; vamos a êle.

P.S. — Vale a pena ir amanhã, às 5 da tarde, ver a exposição de bonecos de pano feitos por Miriam Etz. Essas "bruxas", algumas das quais interessantíssimas, vão ficar junto à exposição de excelente desenhos de Eros Gonçalves, no Instituto dos Arquitetos, edificio Odeon, entrada pelo lado de cá. — R. B.

*Um modesto naufrágio*

*RN 362*

*40 minutos*

*M 695*

*Vt, vemos de nadar, puxando-o para terra*

*9.8.49*

*208*